



CASAMENTOS INTERÉTNICOS NA ALDEIA UMUTINA: AUTORRECONHECIMENTO DA IDENTIDADE UMUTINA¹

Alessandra Corezomáe Boroponepá²

Resumo

Este trabalho é resultado de pesquisa na Graduação em Licenciatura Intercultural Indígena da Unemat, na área de Ciências Sociais, e traz o tema sobre Casamentos Interétnicos na aldeia Umutina como uma das estratégias de constituição e fortalecimento de identidade Umutina. A Aldeia Umutina, localizada em Barra do Bugres-MT, em função do processo histórico de contato com os não indígenas, se caracteriza atualmente por uma população de pessoas de diferentes etnias. A pesquisa teve como finalidade compreender melhor alguns fatores que os casais interétnicos selecionam para se relacionar com seus filhos no que tange a alguns aspectos culturais e, mesmo em condição de mistura de diversas etnias, se autodenominam e se reconhecem como “Umutina”. Foram entrevistados 07 casais em três diferentes faixas etárias: jovens, meia idade e idosos que moram na Aldeia Umutina em Barra do Bugres - MT. Ao final do trabalho, compreendemos que o povo que mora na citada aldeia, mesmo que tenham origem de outras etnias, assumem as práticas culturais da tradição Umutina como forma de fortalecimento de identidade indígena e, especificamente, pelo respeito ao povo, fortalecem a identidade Umutina, principalmente na orientação cultural em suas relações familiares.

Palavras-chave: Umutina - Cultura - Identidade - Casamento Interétnico.

Interethnic marriages in the village Umutina: self- recognition of identity Umutina

Abstract

¹ Este artigo produzido conforme nossa apropriação da Língua Portuguesa, é uma versão de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado em 2015 à Diretoria de Gestão de Educação Escolar Indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, para a obtenção do título de professor Licenciado em Ciências Sociais.

² Graduada em Licenciatura Intercultural Indígena, com habilitação em Ciências Sociais. Professora Indígena Umutina. Exerço a atividade docente na Escola Jula Paré, localizada na aldeia Umutina. E-mail alessandracorozemae@hotmail.com

This production is the result of research in the Undergraduate Degree in Indigenous Intercultural Licentiate of Unemat, in the area of Social Sciences, and it brings the theme about Interethnic Weddings in the Umutina village as one of the strategies of constitution and strengthening of Umutina identity. The Umutina village, located in Barra do Bugres-MT, due to the historical process of contact with non-indigenous people, is currently characterized by a population of different ethnicities people. The research aimed to better understand some factors that interethnic couples select to relate to their children in relation to some cultural aspects and, even in mixed conditions of different ethnicities, call themselves and recognize themselves as "Umutina". Seven couples were interviewed in three different age groups: young, middle aged and elderly living in the Umutina Village in Barra do Bugres-MT. At the end of the work, we understand that the people who live in the mentioned village, even if they come from other ethnic groups, take on the cultural practices of the Umutina tradition as a way of strengthening indigenous identity and, specifically, respect for the people, strengthen Umutina identity, mainly in cultural orientation in their family relations.

Keywords: Umutina - Culture - Identity – Interethnic - Marriage.

Introdução

O Povo Umutina é habitante tradicional da região que beira o Rio Bugres e Rio Paraguai, na região onde hoje fica o município de Barra do Bugres. O processo histórico de contato com o povo ocidental foi bastante sofrido para os Umutina, que viram muitas pessoas da sua etnia serem mortas, e, quase dizimado este Povo, que antigamente era conhecido como “Barbados”. Na Terra Umutina, ainda no início dos anos de 1900, Marechal Rondon construiu ali um Posto do SPI, para onde trazia pessoas de várias etnias de Mato Grosso para o processo de “civilização”, o que provocou muitas mudanças para este Povo, ou seja, quase sua extinção. O tema escolhido para a pesquisa aqui relatada em forma de artigo é o “Casamentos interétnicos na aldeia Umutina: constituição de identidade Umutina”, cujo tema é de grande interesse, haja vista que este povo é formado, atualmente, por uma mistura de pessoas de diferentes etnias que vivem na aldeia: os próprios Umutina originários do lugar, Pareci, Nambikwara, Bakairi, Terena, Kayabi, Manoki, Bororo e Chiquitano. Nesta condição, atualmente, o povo Umutina é formado pelos casamentos interétnicos que foram acontecendo no decorrer do tempo e as crianças que nascem, até muitos que já são adultos, se auto reconhecem como Umutina.

Este tema contribuirá para que o próprio povo compreenda alguns fatos que ocorreram no passado que fizeram com que o povo Umutina, mesmo sendo mistura de diversas etnias, se identifiquem e se reconheçam como Umutina Balatiponé. Acreditamos também que as informações deste trabalho vão fortalecer cada vez mais a cultura Umutina, pois mesmo com

as diversas etnias presentes, em geral, todos na aldeia praticam só a cultura Umutina. Para a escola este trabalho tem um papel fundamental, pois servirá de material didático para apoio aos professores em sala de aula e também a quem mais se interessar pelo tema. É necessário ressaltar que atualmente as políticas públicas de Educação incentivam os saberes tradicionais através da LDBEN³ no sentido de outorgar o direito aos povos indígenas de, em suas escolas, inserir e trabalhar na rotina escolar os conhecimentos, práticas e a cultura tradicional do próprio povo e não somente os saberes constantes nos livros didáticos da cultura ocidental.

Em termos metodológicos, trata-se de um estudo de caráter exploratório, se caracterizando como pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica. Buscou-se dados nas bibliografias que falam sobre o povo Umutina, como livros já publicados, em Trabalhos de Conclusão de Curso com autoria de professores da própria aldeia, e em sites na internet. Também foram consultados materiais bibliográficos que tratam sobre o conceito de Cultura, Identidade e Culturas Híbridas, como os publicados por Stuart Hall e Néstor Canclini, entre outros.

A técnica de coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas a 06 casais selecionados com idades representativas da população casada na aldeia: três casais com idade próxima de 60 (sessenta) anos; dois casais com idade próxima de 40 (quarenta) anos; dois casais com idade próxima de 20 (vinte) anos. Os dados coletados foram organizados em quadros, considerando a idade dos casais e elementos identitários selecionados para compreender a problemática: Etnia dos cônjuges; Ensinamentos aos filhos sobre mitos e valores culturais; Língua ensinada para os filhos; Práticas culturais ensinada para os filhos; autorreconhecimento e como denominam e identificam a etnia dos filhos. As entrevistas foram gravadas com celular e posteriormente foram feitas as transcrição das entrevistas, digitando-se direto no computador.

Os dados foram analisados e compreendidos a partir das leituras da pesquisa bibliográfica.

1 O povo Umutina

³ LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9396, de 20 de dezembro de 1996.

A princípio, os Umutina viviam em harmonia, e era um povo nômade que desfrutava da vida em liberdade pelas regiões dos Rios Paraguai e Bugres. O povo se autodenomina “Balatiponé”, que quer dizer “Povo Novo”, e os antepassados usavam o termo “Boloriê”, conforme contam os anciões na aldeia. Antigamente as mulheres deixavam os cabelos crescerem bastante para que os homens os cortassem. Com os cabelos das mulheres eram feitos colares masculinos, por isso dava a impressão que os homens tinham barba, e com isso os Umutina ficaram conhecidos pelos não indígenas como “Barbados”.

A arte material Umutina era muito rica, feita com penas de variados pássaros, entre eles destacava-se os enormes brincos femininos e os cocares masculinos. Os homens também usavam colares de dentes de animais, entre eles a queixada, cateto e onça, já os das mulheres eram feitos de dentes de macaco, quati e jacaré.

Antigamente, conforme Schultz (1962, p.258), os Umutina praticavam o ritual do culto aos mortos, chamado *Adoé*, que era constituído de 17 danças rituais, com os seguintes nomes: *Mixinosê*, *Mixinotó* ou *MixinoPupurína* – máscara-esteira; *Manixúarê*- dança com flautas sagradas e caca da anta; *Bakuré* - dança sobre as esteiras; *Yúri* - subcerimonial do *Bakure*; *Katamã* - Martim- pescador subcerimonial do *Bakure*; *Akakôna* -dança guerreira subcerimonial do *Bakure*; *Hatóri* - dança com mascaras grandes; *Atilákakáno* - carregando estandartes com símbolos de peixes; *Húpzê* - os irreverentes cagados; *Jekirinó* - as andorinhas; *Lórunó* - dança com máscaras de cabelo; *Hapuyána* - dança com aros de palha; *Yatáribú* - cerimônia com canto e estribilho; *Batóri* - máscara de rede de pescar sobre o rosto e flagelo de feixe de talo deBuriti; *Arixinó* - dança com símbolos, disco de palha, representando caça; *Yupuriká* - dança com as flautas *Zarinimbukwa*; *Boiká* - dança do arco. Esses rituais, que começavam durante a estação chuvosa e por ocasião da colheita do milho verde, duravam de cinco a seis semanas e era a maior manifestação religiosa entre os Umutina, de acordo com o autor já referido acima.

Continuando com Schultz (1962), a agricultura tradicional era uma das principais formas de sobrevivência para os Umutina que cultivavam milho de várias qualidades, mandioca brava e mansa, feijão fava, cará. Depois da lavoura, a pesca e a caça era a fonte de alimento mais importante para os mesmos. Pescavam com o arco e flechas, e com o timbó. A única arma de caça era o arco e flecha, raramente também levavam o tacape espada.

Com a chegada dos não indígenas, muitos conflitos foram desencadeados e a população sofreu com o contato. Por volta dos anos sessenta do século passado, com a política indigenista

nacional da época, empreendida principalmente por Marechal Cândido Rondon, o Povo Umutina que já estava com população diminuída, foi obrigado a receber pessoas de outras etnias. Naquela época Marechal Rondon criou na aldeia Umutina um Posto de Atendimento aos indígenas, segundo relata TanHuare (2006), para onde vinham pessoas de diferentes etnias. Os Nambikwara vieram depois dos Paresi para habitar a terra indígena Umutina, e são essas duas etnias que foram trazidas e que tiveram resistência em se misturar com os Umutina logo no começo e por isso só se casavam entre eles mesmos. Mas, com o passar do tempo, seus filhos começaram a se casar com os Umutina, tanto os homens quanto as mulheres, o que continua acontecendo até os dias atuais.

Assim iniciou-se o processo de casamentos interétnicos entre os Paresi, Nambikuara e Umutina e posteriormente com outras etnias: Bakairi, Manoke, Bororo, Terena e também com os não índios. A mais recente etnia presente na aldeia é Chiquitano.

2 Fortalecendo a Cultura Umutina

Conforme escreveu Monzilar (2012), houve um período quando o povo Umutina se via em crise de identidade, porque havia pessoas de muitos povos na aldeia e não sabiam qual cultura adotar, e passou então a usar adornos que não eram dos Umutina. Com toda essa crise em relação a sua cultura, surgiu a necessidade de se pensar em qual cultura seguir, pois já havia muita miscigenação entre os povos que residiam naquele local.

Com tal condição, nos anos finais de 1990 teve início a discussão sobre cultura e nesta época tinha muitos anciões, tanto Paresi como Umutina. Dentre eles é preciso citar a finada Kazacaru e o JulaParé, ambos Umutina, o finado senhor Pedrinho e o Antonio Paresi, que começaram a discutir e enfrentar conflitos entre si sobre que cultura ensinar as crianças. Nesse período o cacique da aldeia era o senhor Joaquim Kupodonepá, grande interessado na revitalização da cultura Umutina. Na época, havia somente dois professores indígenas, que colocaram para a comunidade a necessidade de uma reflexão em relação a cultura das etnias que ali residiam, e que se encontravam num momento de choque cultural.

Entenderam que a comunidade é quem deveria decidir e, assim, foram realizadas várias reuniões para que o povo pudesse entrar em consenso. Ao final deste processo de discussões a comunidade decidiu que, a partir daquele momento, os que morassem e nascessem ali, seriam

considerados Umutina, afinal era a cultura Umutina que estava mais ameaçada. Também tradicionalmente aquele era o lugar de origem do povo Umutina, que ainda constituía a maioria étnica na aldeia. A esse processo de pactuação quanto à autodenominação e afirmação cultural passou-se a chamar de “Unificação dos Umutina”, de acordo como conta Monzilar (2012). Houve, conseqüentemente, uma maior abertura ao diálogo para ensinar a cultura dos Umutina na escola.

A escola foi a primeira a se preocupar, e a dar o primeiro passo em relação à revitalização da cultura do povo, pois foi através dos professores que os jovens perceberam a importância de buscarem mais conhecimentos sobre a cultura Umutina. Com o incentivo da escola, os pais também começaram a ajudar nesse processo e a incentivar seus filhos a participarem de tudo que tivesse ligado a revitalização e ao fortalecimento da cultura Umutina e principalmente a participarem das práticas culturais do povo.

Em torno do ano 2000 foi criado um grupo de jovens, denominado *Nação Nativa Umutina*, que iniciou também um trabalho de “revitalização” da cultura e da língua Umutina. Essa iniciativa só veio a fortalecer ainda mais o trabalho que estava sendo desenvolvido na escola, pois a iniciativa desse grupo de jovens era explorar os mais velhos com relação aos seus saberes e colocá-los em prática. Outro fator importante para a revitalização da cultura Umutina aconteceu por volta de 2006, quando acadêmicos concluíram o curso de Licenciaturas Específicas e diferenciadas no 3º Grau Indígena, na Unemat de Barra do Bugres-MT, sendo que o tema dos Trabalhos de Conclusão de Curso foram todos referentes a cultura Umutina.

3 O Povo Umutina em contexto atual

O Território Indígena Umutina está localizado no município de Barra do Bugres, região Médio Norte do Estado de Mato Grosso – Brasil, com uma extensão de 28.120 hectares, em quase toda sua totalidade rodeada pelos rios Bugres e Paraguai, conforme registra Monzilar (2012). A população atual Umutina Balatiponé é de aproximadamente 530 pessoas, a maioria entre crianças e jovens. Além dos Umutina originários do lugar, vivem na aldeia pessoas Paresi, Nambikwara, Bororo, Bakairi, Manoki, Kayabi, Chiquitano, Terena e também alguns não índios.

Considerando a classificação linguística, o povo Umutina pertence ao tronco linguístico Macro Jê, embora o povo não tenha mais domínio e uso de sua língua materna, porém, está em processo de revitalização visto que é muito importante para a identidade do nosso povo. Tendo em vista o processo do contato vivido pelo povo Umutina, na atualidade, pois a primeira língua que se aprende, na aldeia, é a língua portuguesa. Porém, mesmo não sendo falante da língua nativa a comunidade tem feito esforços na tentativa da revitalização da língua Umutina, tanto nos espaços escolares como nos da comunidade em geral.

Fator de grande relevância para o povo Umutina, é que na matriz curricular da Escola Indígena JuláParé, faz-se presente a abertura de espaço para trabalho com a língua materna Umutina, ou seja, é uma disciplina obrigatória, o que tem facilitado muito, pois desde cedo as crianças já começam a aprender algumas palavras na língua Umutina. Posteriormente, conforme vão crescendo, vão assimilando alguns nomes na língua Umutina, como nome das comidas típicas, dos peixes, pássaros e também as pequenas frases na língua materna, entre outras matérias que já se tem registrado.

A aldeia central tem uma boa estrutura de atendimento para as pessoas, como Posto de Saúde, Posto da FUNAI (cujos trabalhadores são indígenas). A escola no período matutino atende a Educação Infantil, no período vespertino atende as turmas do Ensino Fundamental e no período noturno, as turmas do Ensino Médio. Todos os professores são Umutina, e habilitados em três áreas do conhecimento: Ciências Matemáticas e da Natureza, Ciências Sociais, e na área de Línguas, Arte e Literatura. Também tem professores com especialização em Educação Escolar Indígena e dois professores já Mestres. Atualmente, um professor está cursando o Mestrado e um cursando o Doutorado.

Como forma de defesa do território novas aldeias estão sendo abertas e os Umutina estão organizados entre duas aldeias maiores: aldeia Umutina e aldeia Bakalana situadas na mesma TI. A aldeia Bakalana encontra-se a 18 km da aldeia central. Também há pequenas aldeias como a Águas Correntes, e a Adônai, entre outras.

Como base de subsistência os Umutina vivem da agricultura; continuam cultivando a roça de toco e dando continuidade as técnicas e conhecimentos tradicionais dos antepassados. Algumas famílias plantam produtos para seu próprio consumo e também para a comercialização e plantam mandioca, milho, arroz, banana, melancia, abóbora, cará, batata doce, etc. Muitas famílias em seu próprio quintal cultivam as frutas cítricas e algumas hortaliças, cada um é

responsável pela sua própria plantação. Além dos cultivos, o povo pratica a coleta de frutos silvestres. Algumas pessoas são assalariadas, como os funcionários da FUNAI, professores estaduais e municipais, profissionais da saúde e muitos também são pensionistas. Além disso, os Umutina também confeccionam artesanatos de madeiras e sementes que resultam em algum montante de recursos financeiros.

Em relação as práticas culturais, o povo vem valorizando e praticando as danças, os cantos, as pinturas corporais, comidas e bebidas tradicionais e também a confecção dos artesanatos.

4 Casamento tradicional Umutina

Antigamente para a realização do casamento entre os Umutina deveria seguir uma norma muito rígida: o rapaz precisava ser um bom caçador e pescador, só depois de demonstrar que era um bom caçador e pescador é que ele podia se casar. Conforme relata Kupudunepá e Quezô (2006), antigamente os rapazes tinham o cabelo bem comprido e amarravam o cabelo atrás, formando um rabo de tatu (*Ajibabá*) que usavam quando iam namorar com uma moça a noite, e faziam isso também no dia do casamento. O candidato ao casamento cortejava a moça durante algum tempo; a moça e o rapaz se aproximavam nas danças dos cerimoniais do Ritual do Culto dos Mortos. As moças preferiam os rapazes que eram bons caçadores. Quem não sabia usar o arco e a flecha não era um bom partido para se casar

O casamento entre parentes consanguíneos em primeiro e segundo grau não era permitido. Era permitida qualquer outra união matrimonial. O pai podia mandar a moça casar com o rapaz que ele escolhia para ela. Quando as pessoas da aldeia ficavam sabendo que haveria casamento os noivos se evitavam porque ficavam com vergonha um do outro.

Os pais tanto do rapaz quanto da moça é que escolhiam a data do casamento. O pai enfeitava seu filho, fazia rabo de tatu com o cabelo bem comprido que lhe caia as costas. Colocava novos enfeites de penas nos braços, untava o corpo do filho de urucum. O moço, ao escurecer, se dirigia a casa da noiva, e o pai dela perguntava: Quem é? Como se chama? Então o rapaz dizia o nome e sendo aceito, o pai fazia a filha abraçar o moço, em sinal de aceitação.

Mesmo que a moça não queria aceitar o rapaz, era forçada pelo pai e mãe a dormir com ele. O rapaz não podia tocar na moça durante a primeira noite. De madrugada o rapaz ia para

casa de sua mãe buscar arco e flecha para ir caçar. Se não encontrasse nenhuma caça para matar, ele não podia voltar para casa da moça. Então passava a noite na mata na tentativa de matar muitos bichos e peixes. Ao entardecer, ao chegar da caçada, ia direto á casa da moça com a caça, anunciando sua chegada de longe com toques de buzina de chifre ou rabo de tatu canastra. A família da moça ficava muito contente e satisfeita e todos iam ao seu encontro. Por ter voltado com muita caça, ele já começa a morar na casa da moça.

Depois de casado ele tinha que caçar mais três vezes, e só depois não precisava mais caçar todos os dias. Os Umutina que tinham filhas moças não queriam que suas filhas se casassem com rapazes que fossem maus caçadores, somente que se cassasse com rapazes que fossem bons caçadores. A princípio, a jovem esposa se mostrava envergonhada, não queria se sentar ao lado do marido. A caça que ele trazia, ela nem tocava e nem preparava; ficava com vergonha de dar comida ao marido, tudo era a mãe que fazia por ela.

Depois do casamento o rapaz passava a viver na casa dos sogros, compartilhando a vida econômica da família de sua esposa e obedecendo ao sogro como e fosse seu próprio pai.

5 Falando de cultura e identidade

Toda sociedade tem sua maneira própria de se organizar, principalmente através de suas manifestações culturais: Costumes, Crenças, Religião, Música, Adornos, a Indumentária (forma de se vestir), Rituais Religiosos, Língua, Mitos, Hábitos Alimentares, Danças, Formas de Organização Social, etc. São justamente esses elementos, entre outros, que sustentam e constituem a identidade de um povo e que diferenciam os mais diversos povos uns dos outros.

A palavra Cultura tem origem do latim, conforme afirma Santos (1994), e seu significado, originalmente, se referia às atividades agrícolas. Especificamente tratando do sentido da palavra do latim, quer dizer “cultivar”. Stuart Hall (1997), ao discutir a questão, trata de Cultura na perspectiva de pertencimento a um determinado grupo. Para este estudioso, é um sistema de significados que são compartilhados por pessoas de um mesmo grupo de convívio e é o modo de vida deste grupo. A prática cultural é que estabelece os sentidos das práticas e dos valores das experiências dos sujeitos de um determinado grupo. Assim, a cultura não é herdada pelo sangue, mas construída nas experiências de todo dia de um povo.

A cultura, então, pode mudar sua expressão em função de mudanças e de acontecimentos vividos pelo grupo de convívio. Como todo e qualquer grupo humano, os povos indígenas também passam por transformações nos seus modos de vida, embora estejam sempre lutando pela valorização e pelo fortalecimento da própria cultura tradicional, assim é que se constitui e se valoriza a identidade étnica.

Quando se pensa em identidade, fica a ideia de que identidade é a consciência que cada indivíduo de uma sociedade tem de si mesmo: aquilo que ele é. É através da cultura da sociedade da qual fazemos parte que podemos definir o que gostamos o que queremos ser, e diante das entrevistas realizadas é possível perceber que as pessoas entrevistadas, embora sejam filhos de pais de etnias diferentes, todas querem e gostam de afirmarem sua identidade como Umutina Balatiponé. Neste sentido, é importante lembrar Montes (1996) quando esclarece que

(...) é impossível pensar a identidade como coisa, como permanência estática de algo que é sempre igual a si mesmo, seja nos indivíduos, seja nas sociedades e nas culturas. Ao contrário, é preciso pensar que, uma vez que as sociedades são dinâmicas e a vida social não está parada, também a identidade não é só uma coisa fixa, mas algo que resulta de um processo e de uma construção. E não podemos entender essa construção sem o contexto onde ela se dá (MONTES, 1996, p.56).

Ou seja, ao estar convivendo com pessoas de diferentes etnias, de diferentes práticas culturais, as identidades vão se dinamizando e se reconstruindo a cada dia e a cada experiência.

Silva (2013) afirma que a identidade é definida pelo que o sujeito se diz ser, enquanto que a diferença se constitui pelo o que o outro é, ou seja, o outro é aquilo que eu não sou. Assim, se ao se reconhecer como Umutina, os outros são tudo que o Umutina não é. Neste sentido, identidade e diferença possuem características de afirmação e negação, ou seja:

Aquilo que é e aquilo que não é. A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade, (“aquilo que sou”), uma característica independente, um fato. Na mesma linha de raciocínio, também a diferença é concebida como uma identidade independente. Apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: “ela é italiana”, “ela é branca”, é “homossexual”, “ela é velha”, “ela é mulher”. Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como auto referenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe. (SILVA, 2013, p. 74)

Ao se afirmar pertencente a outro povo, alguns indígenas mostram que existe uma relação entre a identidade e a etnia à qual pertencem, e esse pertencimento dá uma noção de

que se assume, mesmo que estrategicamente, uma forma de identidade. O pesquisador Stuart Hall (2011) também esclarece que a identidade étnica é um termo utilizado para caracterizarmos a cultura, a “língua, religião, costume, tradições, sentimento de ‘lugar’ – que são partilhados por um povo” (Hall, 2011, p. 63). As afirmativas de Hall (2011) dão pistas de que a cultura nacional é um discurso composto por símbolos e representações, que no caso do povo em questão, é a forma de narrar-se como indígenas. Assim, para ser Umutina, não necessariamente tem que ter nascido em território Umutina ou ter pai e mãe Umutina.

Pensando no tema deste trabalho, os casamentos interétnicos na aldeia Umutina, é necessário abordar sobre a questão de Cultura Híbrida, que por sua vez, é um conceito que vem sendo muito falado nesse mundo globalizado, porque vivemos nessa época em que fica fácil o contato entre diferentes culturas, provocando a mistura entre as culturas, mas esta mistura cultural não é coisa nova. Assim que os portugueses chegaram ao Brasil, em 1500, com sua bagagem cultural diferente dos indígenas, evidenciou-se a diferença cultural. Pois, os indígenas tinham sua própria cultura, suas crenças, os costumes, religião, ou seja, seu próprio modo de viver. Os indígenas aprenderam muitas coisas com os portugueses, passaram a praticar coisas que não eram da sua tradição e, também, os portugueses desenvolveram práticas que era comum entre os indígenas brasileiros. Assim também se deu com africanos e outros imigrantes que para o Brasil vieram para construir suas vidas. O Brasil, como tantos outros, é um país constituído de um povo híbrido.

Ao resenhar a obra de Stuart Hall, *A identidade cultural na pós-modernidade* (2004), Poletto e Kreutz (2014) explicam que o autor argumenta que as identidades culturais são híbridas, afirmando que “(...) não é possível afirmar que temos uma ‘identidade’, mas que somos compostos por uma identificação, passível de mudança e transformação” (Poletto e Kreutz, 2014, p. 202).

Vale lembrar que Hall (1997) aborda a questão da Cultura na perspectiva da representação, ou seja, a linguagem, o sistema de códigos partilhados desempenha significativo papel na definição de práticas e valores de uma dada cultura, confirmando que Cultura não é dada hereditariamente. É construída na experiência do sujeito e nas relações que estabelece na comunidade em que vive. Assim, Cultura não é mais um conceito antropológico que prescinde de descrição de práticas, mas é dinâmica, e se firma no movimento das rotinas de cada comunidade e das pessoas que nela convivem e vivenciam as práticas diárias.

Ao tratar sobre identidade em tempos atuais, mais especificamente, em tempos de globalização, Canclini (1999), afirma que “hoje a identidade, mesmo em amplos setores populares, é poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas” (p. 166). Neste aspecto, ao tratar da hibridação, Canclini (2003) afirma que, ao se reconhecer este processo, é preciso mudar o modo de se abordar, discutir e compreender o conceito de identidade e de cultura, ou seja, entende-las a partir de sua dinamicidade. O autor define hibridação como o fenômeno que abrange “procesos sociocultural e sem los que estructuras o prácticas discretas, que existían em forma separada, se combinan para generar nuevas estructuras, objetos y práctica” (CANCLINI, 2003, p.2). Então, não importa o quão híbridos sejam os sujeitos, mas sim como se constituem desta forma.

Neste sentido, vale lembrar Paes (2002, p.4) ao esclarecer que, tratando-se de hibridação, este processo “(...) não se configura em aspecto negativo como representações de ‘perdas’; ao contrário, trata-se de dinâmicas de (re)construção, (re)significação de mundo e de sujeitos, tal como de (re)posicionamentos em tempos e espaços”.

6 Os casamentos interétnicos e a autodenominação como Umutina

Para a pesquisa aqui apresentada foram entrevistados 07 casais, em faixas etárias que, a princípio podem representar, de modo geral, os casais que habitam a Aldeia Umutina em Barra do Bugres. Elencamos alguns fatores que, entendemos, poderão nos dar pistas sobre como a identidade Umutina vai se constituindo em famílias formadas a partir de genitores de duas etnias diferentes. Partimos do princípio de que os modos como os pais se relacionam com os filhos, em se tratando dos aspectos étnicos e culturais, vão constituindo o modo de ser Umutina em tempos atuais.

Dos três casais na faixa etária dos 60 anos, um casal é formado pelo pai Umutina e mãe Paresi, o outro o pai é da etnia Kayabi e a mãe Paresi e o terceiro casal é formado pelo pai Paresi e a mãe Umutina. Já na constituição dos casais, percebemos que três tem um dos genitores o Paresi, o que indica rastros do processo de aldeamento promovido por marechal Rondon. É preciso lembrar que no início dos anos de 1900 o Marechal trouxe para o então Posto Indígena Umutina muitos Paresi para o processo de “civilização”. Desta forma, entendemos que os casais entrevistados retratam a constituição da aldeia daquela época, quando os primeiros “outros”,

foram os Paresi, trazidos por Marechal Rondon e que configuraram a maioria a habitar junto aos Umutina.

As entrevistas feitas com casais na faixa etária de 40 anos, abordaram dois casais, sendo um formado pelo pai Paresi e mãe com ascendência Paresi/Nambikwara. O outro casal é formado pelo pai Manoki/Paresi e a mãe Umutina/Paresi. Nota-se que nesta faixa etária já há genitores filhos de pais de etnias diferentes, o que os faz se identificarem como duas etnias juntas. Já os casais mais jovens, na faixa etária dos 20 anos, os entrevistados formam casais sendo em um o pai Bakairi/Paresi com mãe Paresi/Nambikwara e o outro casais formado pelo pai Paresi e a mãe Paresi/Nambikwara.

A formação dos casais entrevistados reflete parte da história recente da Aldeia Umutina em se tratando da formação de seu povo. Entre os casais na faixa etária mais velha, dois casais há genitor que se autodeclara Umutina, não indicando que seus pais sejam casados com pessoas de outras etnias. Já os demais casais, mais jovens, todos os genitores se autodeclararam como duas etnias.

Ao serem questionados sobre o nome que dão a seus filhos, somente um dos casais, na faixa etária dos 20 anos, declararam que escolheram nome Umutina para seus filhos, mais especificamente o casal formado pelo pai Bakairi/Paresi com mãe Paresi/Nambikwara. Os demais casais informaram que escolhem para seus filhos nomes das duas etnias, do pai e da mãe.

Sobre valores e mitos que ensinam aos filhos, a imensa maioria declarou que ensinam valores e mitos Umutina a seus filhos. Somente dois casais informaram que ensinam a seus filhos os valores e mitos Paresi, cujos casais estão na faixa etária dos 60 anos, sendo casais formados pelo pai da etnia Kayabi e a mãe Paresi e o outro casal é formado pelo pai Paresi e a mãe Umutina. Nota-se que os casais mais jovens parecem estar atendendo ao pacto conhecido “Unificação dos Umutina”, referenciado acima, pois somente os dois casais informaram que ensinam valores e mitos Paresi aos seus filhos. Este resultado também se repete quando questionamos sobre que práticas culturais que ensinam a seus filhos e novamente os mesmos casais declararam que ensinam as práticas da cultura Paresi. Os demais casais informaram que ensinam e valorizam, a cultura Umutina.

Questionamos sobre que língua falam e ensinam seus filhos. Neste aspecto foi unânime a resposta: Língua Umutina. Embora, como esclarecemos acima, a língua Umutina esteja em desuso, a Escola tem feito papel importante para revitalização da língua materna. Alguns dos entrevistados chegaram a citar este importante papel da escola, como podemos constatar nos seguintes recortes “A língua atual mesmo é Umutina e a que a gente procura ensina pra eles, e eles mesmos já aprendem na escola.” (casal de 40 anos); “Sabem algumas palavras de Pareci. Mais o que mais sabem é de Umutina.” (casal de 60 anos); “Na escola elas também aprendem a língua Umutina, então gente tá sempre incentivando para não deixar morrer a cultura indígena.” (casal de 20 anos).

Perguntamos aos entrevistados como denominam a etnia de seus filhos e, neste aspecto foram unânimes: Umutina. Uma das respostas nos chamou a atenção. Foi a declaração de uma das mães da faixa etária de 20 anos, que assim se pronunciou: “Alguém pode vir falar você é Pareci você é Bakairi ou Nabikuara? Mais eu mesma me identifico como Umutina, mesmo que a gente não tenha sangue nas veias mais por fato de nascer mesmo e crescer aqui e pelo respeito também.”. Tal resposta confirma a opção por uma etnia e por uma identidade étnica. Neste aspecto vale lembrar os que estudiosos nos ensinam sobre a identidade étnica, formada a partir de muitos fatores, como “língua, religião, costume, tradições, sentimento de ‘lugar’ – que são partilhados por um povo” (Hall, 2011, p. 63). Ou seja, as experiências vividas e o compartilhamento de atividades numa dada comunidade produz a identidade.

É Preciso reafirmar que não entendemos a hibridação como aspecto negativo em um povo, assim, acompanhando Paes (2002, p.4) “(...) não se configura em aspecto negativo como representações de ‘perdas’; ao contrário, trata-se de dinâmicas de (re)construção, (re)significação de mundo e de sujeitos, tal como de (re)posicionamentos em tempos e espaços”.

7 Considerações finais

Diante das entrevistas, a coleta de dados só reafirmou o discurso comum que se ouve diariamente das pessoas que residem na aldeia Umutina, ou seja, por mais que tenham sangue de outra Etnia, as práticas adotadas para a vida na aldeia são as práticas da cultura Umutina. Por isso, se autodenominam e se reconhecem como Umutina. Durante as entrevistas todos

disseram que embora seus avós ou pais sejam filhos de etnias diferentes, fazem afirmações como a que segue: “*nascemos aqui, crescemos aqui e as práticas culturais que praticamos desde a nossa infância é do povo Umutina, mesmo não tendo sangue de Umutina correndo nas veias, todos se denominam como Umutina Balatiponé*”. Este relato é uma confirmação de que o compartilhamento das experiências em uma dada comunidade configura e constitui a identidade étnica.

Desta forma, constatamos pelas explicações de Stuart Hall que a cultura não é herdada pelo sangue, mas ela é construída nas experiências de todo dia de um povo.

Referências

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da Modernidade*. São Paulo: Edusp, 1999.

_____. **Notícias recientes sobre lahibridación**. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=82200702>. Acesso em 18/07/2016.

CUPUDONEPÁ, Maria Alice de Sousa; QUEZO, Luizinho Ariabô. **Histórias e mitos do povo Umutina**. Trabalho de Conclusão de Curso. Projeto 3º Grau Indígena. Universidade do Estado de Mato Grosso, 2006.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. **Educação & Realidade**. Porto Alegre: UFRGS/ 1997

_____. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MONTES, Maria Lúcia. Raça e Identidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia. In: SCHWARCZ, L. M. & QUEIROZ, Renato Silva (Orgs.) **Raça e Diversidade**. São Paulo: EDUSP, 1996.

MONZILAR, Eliane Boroponepá. **Território Umutina: Vivências e sustentabilidade**. Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB, 2012.

PAES, Maria Helena Rodrigues. **A ordem disciplinar: a escola enquanto ferramenta de produção de identidade híbrida**. www.portalanpedsul.com.br/2002. Florianópolis, UFSC, 2002. Acesso em 18/07/2016.

POLETTI, Júlia e KREUTZ, Lúcio. **Resenha: A Identidade cultural na Pós-Modernidade**. *Conjectura: Filos. Educ.*, Caxias do Sul, v. 19, n. 2, p. 199-203, maio/ago. 2014

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 12. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SCHULTZ, Harald. Informações etnográficas sobre os Umutina. **Revista do Museu Paulista**. Nova Série. 1962

TAN HUARE, Clícia. **História da Educação da Educação Escolar do Povo Umutina** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Intercultural, área de Ciências Sociais) Projeto de Formação de Professores Indígenas/3º Grau Indígena. Barra do Bugres: Unemat, 2006.